



Digital Object Identifier (DOI): 10.38087/2595.8801.62

ANÁLISE SOBRE “BANALIDADE DO MAL” DE HANNAH ARENDT E “SOCIEDADE LÍQUIDA” DE ZYGMUNT BAUMAN NA SOCIEDADE ATUAL

SEBASTIÃO BRAZ GOMES

brazgomesprof@gmail.com

Filósofo, Sociólogo, Especialista em Filosofia,

Professor e Mestrando em Educação.

RESUMO

A “Banalidade do Mal”, uma ideia formulada por Hannah Arendt, sintetiza a moral de Adolf Eichmann quando este declara em pleno julgamento que, como corresponsável pelo holocausto na segunda guerra mundial, apenas cumpriu ordens e era seu dever, planejar a logística dos campos de concentração; A ideia de “sociedade líquida” de Zygmunt Bauman aprofunda a reflexão da não importância do social na vida de cada indivíduo no mundo atual. Ambas ideias abrangem em visão panorâmica crítica, a frieza de pensamentos e ações que levam a sociedade a não alteridade, criando situações de extrema insensibilidade com o mal praticado; uma sociedade em que nada é sólido, confiável ou estável, sem consciência crítica social e sem perspectivas de um futuro

Palavras-Chave: Banalidade, modernidade líquida, realidade, frieza, felicidade, sociedade e mal



1- INTRODUÇÃO

Este artigo visa analisar e refletir as teorias “Banalidade do Mal” de Hannah Arendt e “Sociedade e Modernidade Líquida” de Zygmunt Bauman, que se apresenta de forma muito evidente e concisa na sociedade atual, não somente no Brasil como no cenário mundial. Mesmo se apresentando no cenário mundial, nossa proposta apresentará uma concisa reflexão nacional, de forma dedutiva.

Arendt e Bauman, expõem suas ideias de forma simples, como a sociedade compreende o outro e não o vê como semelhante.

A banalidade do mal está no seio das famílias desagregadas, que, por algum motivo, deixam de educar seus filhos para a sociedade; Está no interior da sociedade que não reflete seus direitos e deveres, ou individualizam direitos e esquecem os deveres; Está na educação, fragilizada por descasos de décadas, tanto de incentivo de políticas nacionais, de descrédito da sociedade que encaram a escola como algo obrigatório e não como possibilidade de aprendizagem e crescimento, o que desemboca no abismo educacional nacional; Está na falta de objetivos e sonhos individuais, que desencadeia uma desestrutura pessoal, e mobiliza sensivelmente intensificando a desigualdade e problemas sociais: se não há objetivos não haverá esforços.

A modernidade líquida nos apresenta uma reflexão profunda da liquefação que transformou a sociedade, paulatinamente, no decorrer da história, que no entender de Bauman, parte da modernidade sólida ou início da idade moderna.

A modernidade líquida, nos apresenta facetas, tais como: Religiões não influem tanto nas pessoas como em décadas passadas; Programas sociais sem objetivos concretos, que não intuem nas pessoas a perspectiva de crescimento pessoal, são apenas paliativos; Legislação não cumprida e não punida, que leva as pessoas ao descrédito, a banalização da ética e da moral social; Instituições antes sólidas hoje não apresentam tanta representatividade social, como: política, educação, instituições militares e constituições.

Essas reflexões expõem uma ferida aberta no cenário social mundial. Para comprovar é apenas olharmos os sequenciais atentados de ordem religiosa, que fomenta a miséria, expande a fome, a desagregação familiar, a extinção de clãs e cidades e, portanto, mortalidade em forma de holocausto.

De forma concisa, este trabalho utilizará uma reflexão bibliográfica, para que possamos, juntos, compreender o íntimo da sociedade na atualidade, mesmo e talvez pessimista, mas real, num olhar “in loco” de como as diversas “etapas ou fases” do ser humano está sendo ludibriado e ideologicamente direcionado a um caos social. Uma sociedade com valores líquidos e banalizados, sem fundamentos e moralmente destituída de toda e qualquer ação que possa vislumbrar uma futura volta à sociedade sólida, com comprometimento social e valorização do ser humano em todas as suas fases. Observando os fatos históricos, como o holocausto nazista, e a sociedade contemporânea carente de valores humanitários, a hipótese de Arendt de que um novo holocausto poderia existir, bate a nossa porta, insinuando ser apenas características da era moderna contemporânea



2- REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 HANNAH ARENDT

Hannah Arendt em Hannover na Alemanha, em 14 de outubro de 1906, batizada com o nome de "Johannah Arendt". Foi uma filósofa alemã, uma das raras vozes femininas de destaque na filosofia do século XX.

Em 1924 ingressou na Universidade de Marburg, onde foi aluna de Martin Heidegger. Em 1926 decidiu trocar de universidade, indo para Freiburg estudar na Universidade Albert Ludwig. Doutorou-se em 1928 em Filosofia, na Universidade de Heidelberg, com a tese “O Conceito de Amor em Santo Agostinho”.

Em 1929, Arendt mudou-se para Berlim após ganhar bolsa de estudos. Em 1933, Arendt se afasta da filosofia para lutar pela resistência antinazista. Presa pela Gestapo, passou oito dias na prisão e deixou seu país natal. Chegou a Paris após passar por Praga e Genebra, iniciando um trabalho com crianças judias expatriadas que durou seis anos.

Em 1941, casada com o filósofo Heinrich Blücher chega aos Estados Unidos, fixando residência e naturalizando-se americana em 1951.

Neste país escreveu as obras: “Origem do Totalitarismo” em 1951 e “Eichmann em Jerusalém” em 1963. Na primeira obra, dividida em “Antissemitismo”, “Imperialismo” e “Totalitarismo”, ela analisa como a Europa se tornou uma “máquina” de destruição humana: o holocausto. A segunda obra nasce de artigos publicados na revista The New Yorker, onde trata da “banalização do mal”, a partir do julgamento do nazista Adolf Eichmann.

Hannah Arendt faleceu em Nova Iorque, Estados Unidos, no dia 4 de dezembro de 1975.

2.2 ZYGMUNT BAUMAN

Zygmunt Bauman nasceu em Poznan, na Polônia em 19 de novembro de 1925. Foi sociólogo, pensador, professor e escritor e um dos críticos da contemporaneidade. Criou a expressão “Modernidade Líquida” para classificar a fluidez do mundo onde os indivíduos não possuem mais padrão de referência.

Em 1939, junto com a família, de origem judaica, escapou da invasão nazista na Polônia se refugiando na ex-União Soviética. Militou no Partido Operário Unificado, o partido comunista da Polônia e no Serviço de Inteligência Militar, onde permaneceu durante três anos.

Ao final da segunda guerra mundial, Bauman voltou para Varsóvia, conciliando a carreira militar com universidade e militância no Partido operário. Estudou Sociologia na Academia de Política e Ciências Sociais de Varsóvia. Casou-se com Janina Bauman que sobreviveu aos horrores da invasão nazista. Em 1950, iniciou o mestrado na Universidade de Varsóvia deixando o Partido Operário. Foi expulso do Exército da Polônia em 1953. Concluiu o mestrado em 1954 tornando-se professor assistente de Sociologia na mesma Universidade.

Sofreu perseguições políticas por 15 anos devido às críticas ao governo comunista polonês. Em março de 1968, foi exilado em Israel, devido a censura do regime, onde lecionou na Universidade de Tel-aviv. Em 1971, foi convidado para lecionar Sociologia na Universidade de Leeds, Inglaterra, onde também dirigiu o departamento de sociologia da Universidade até sua aposentadoria, em 1990.

Por mais de 50 anos, observou e criticou a realidade social e política na pós-modernidade criando o termo “modernidade líquida”, obra onde descreve as transformações do mundo contemporâneo, no qual nada é sólido, tudo se dilui.

Na última obra, “Estranhos à Nossa Porta”, observa a crise dos refugiados que batem à porta da Europa.

Bauman faleceu em Leeds, Inglaterra, no dia 9 de janeiro de 2017.

2.3 HANNAH ARENDT E EICHMANN: O ENCONTRO EM JERUSALÉM

Hannah Arendt era filha de judeus, nascida na Alemanha e perseguida pelos nazistas, antes e durante a segunda guerra mundial. E é como correspondente da revista New Yorker, EUA, que em 1962 encontra o colaborador direto de Adolf Hitler na logística dos campos de concentração para os judeus, Adolf Eichmann, em julgamento em Jerusalém.



Em 1960, em Buenos Aires, um comando Israelense prendeu Eichmann e o embarcou num avião de carga para Tel-Aviv. Eichmann era o funcionário encarregado da solução final para o problema judeu e em 1962, ocorreu seu julgamento em Jerusalém.

O que chamou a atenção de Arendt foi o depoimento de Eichmann: *“não sou o monstro que fazem de mim”*. (1999, p.269)

Depois de tê-lo visto e ouvido, Arendt dirá: *“nem com a maior boa vontade do mundo se pode extrair qualquer profundidade diabólica ou demoníaca em Eichmann”* (1999, p. 311)

Ao contrário considerou-o um sujeito “normal”, e isso a assustou: *“O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais’* (1999, p. 299)

É provocante a ideia de Arendt sobre Eichmann, pois afirmou que ele era verdadeiro, não perverso ou doente mental; mas um homem simples e incapaz de seguir seus próprios pensamentos, assim como muitos outros na sociedade.

Apenas obedecia seus superiores:

“Quanto mais se ouvia Eichmann, mais óbvio ficava que sua incapacidade de falar estava intimamente relacionada com sua incapacidade de pensar, ou seja, de pensar do ponto de vista de outra pessoa”. (1999, p.62)

Adolf Eichmann, foi empregado de Adolf Hitler e trabalhava na logística dos campos de concentração para assuntos judaicos, indicando qual campo de concentração os prisioneiros seriam encaminhados, examinando as origens e histórias pessoais para assim serem marcados e até mesmo quais trabalhos, açoites ou morte sofreriam nos campos de concentração. Assim sendo, é responsável de forma direta ou indiretamente pela morte de milhões de judeus ou descendentes. A tarefa de Eichmann era organizar as deportações de judeus, levando-os diretamente para os campos de concentração. Era conhecido como um especialista na questão judaica.

Segundo Arendt:



“O homem Eichmann era o perfeito instrumento para levar a cabo a solução final: organizado, regular e eficiente tal qual a empreitada de que ele estava encarregado. Na sua função de encarregado de transporte, ele era normal e medíocre e, no entanto, perfeitamente adaptado ao trabalho que consistia em fazer as rodas deslizarem suavemente, no sentido literal e figurativo. Sua função era tornar a solução final normal. [...] Eichmann representava o melhor exemplo de um assassino de massa que era, ao mesmo tempo, um perfeito homem de família”. (Arendt apud Soukui, 1998, p. 92)

3 A SOCIEDADE ATUAL E O PROBLEMA DA MODERNIDADE LÍQUIDA

Bauman criou o termo “modernidade líquida” para diferenciar setores da sociedade que deixaram a sua solidez e passaram a serem complacentes e fluíram-se, deixando-se serem levados por modernas ideologias. Podemos dizer que a modernidade líquida é um conjunto de relações e instituições que não conseguem mais se impor. É uma época de liquidez ou fluidez em se tratando de referenciais morais, de incerteza e insegurança em se tratando de futuro. Toda fixidez e referenciais da época considerada sólida são retiradas, dando espaço ao consumismo e a artificialidade.

Nada é por acaso. Quando uma sociedade se degrada qualitativamente, perde-se a capacidade de se pensar em sociedade justa. Quando não há referências sólidas na família, na sociedade, nas religiões, nas políticas públicas, no cidadão “político”, tudo é solapado por tendências ao consumo, ao enriquecimento, à transformação das relações sociais em mercadoria, e assim, da própria identidade em mercadoria.

Na modernidade líquida diluiu-se as estruturas sociais anteriormente constituídas. São os poderes frouxos, estados desregulamentados, laços afetivos e nacionais fragilizados. As relações transformaram-se na medida em que os parâmetros concretos de classificação dissolveram-se. Trata-se da individualização do mundo, em que o indivíduo se encontra livre, para ser o que bem entender, mediante suas próprias forças. A liquidez a que Bauman idealiza é a incerteza e inconstância que a falta de referências sólidas e socialmente estabelecidas poderiam oferecer. Os padrões e regras que podíamos nos estabelecer e selecionar como



orientadores, estão cada vez mais se diluindo e em falta, e não estamos construindo pontos referenciais sólidos. Como e aonde chegar nas escolhas e sonhos se já há placas e regras rígidas implantadas direcionando a vontade pessoal, não permitindo tais realizações?

Até o racionalismo e a reflexão, antes sólidos, foi se diluindo segundo Bauman:

“Era uma época que pretendia impor a razão à realidade por decreto, remanejar as estruturas de modo a estimular o comportamento racional e a elevar os custos de todo comportamento contrário à razão tão alto que os impedisse. Em razão do decreto, negligenciar os legisladores e as agências coercitivas não era, obviamente, uma opção. A questão da relação com o Estado, fosse cooperativa ou contestadora, era seu dilema de formação; de fato, uma questão de vida e morte (2001, p.58)

Na modernidade líquida devido à falta de padrões de referência, códigos sociais e culturais, torna-se impossível aos indivíduos construir suas vidas e se inserirem dentro das condições de classe e cidadania. Os cidadãos devem lutar individualmente, por conta e risco, para se inserir numa sociedade cada vez mais seletiva economicamente e socialmente.

As elites podem ter a identidade que quiserem e participarem das diversidades culturais. Já a massa precisa se adaptar, solitária, a um mundo impreciso e inseguro, sem futuro garantido e jogados em uma competição louca e agressiva.

Assim Bauman define o que é líquido:

“O líquido é mais do que frágil! A relação líquida não é uma escolha entre ambas as partes que, coincidentemente, é uma escolha pela dificuldade em firmar laços profundos. É uma relação que emerge em um conjunto de instituições, regras, lutas e sistemas político e econômico definidos em uma estrutura social particular. (...) O líquido e os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; (...) Descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas. Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos não são facilmente contidos — contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho” (2001, p.8)



Dessa forma, temos o sujeito líquido, talvez bipolar, várias “identidades” que se manifestam em momentos diferentes. Um professor que se identifica como tal, por exemplo, agirá de uma forma diante da sua sala de aula e, em meio a uma torcida organizada de seu time, de outra forma. Os dois são parâmetros distintos de identificação, conflitantes inclusive, mas que constituem a construção da identidade de um mesmo sujeito.

Já a modernidade líquida que vivemos traz consigo misteriosa fragilidade nas relações humanas: margens, insegurança, enfermidades sociais, violência e por fim, mortes.

Bauman afirma:

“A modernidade produziu e continua a produzir, enormes quantidades de lixo humano. (...) As formas de lidar com o lixo humano que se transformaram na tradição moderna não são mais viáveis e novas maneiras não foram inventadas. (...) Pilhas de humano crescem ao longo das linhas defeituosas da desordem mundial e se multiplicam os primeiros sinais de uma tendência à autocombustão, assim como os sintomas de explosão iminente”. (2004, p.68)

3.1 MODERNIDADE SOLIDA

No renascimento os ideais humanistas ganharam força diante do pensamento tradicional medieval e ampliaram-se no decorrer do tempo, tornando-se ponto de ruptura com as formas anteriores de organização social. Diante disso, os paradigmas constituídos no período anterior lentamente se dissolveram e deram lugar a novas formas de manutenção do mundo social.

A formação do novo homem, capaz de refletir e construir uma diversidade de conhecimentos, com sentimento racionalista ou formulado pela inovação da possibilidade empírica, serviu como fundamento da identidade individual na modernidade sólida.

O ideal de progresso fundamentado no pensamento racional e na nova ciência, tornaram-se motores para os avanços tecnológicos e mudaram toda rota de organização até então estabelecida. O trabalho que antes baseava-se em processos de tradição familiar ou por imitação, passava a estabelecer-se de forma especializada nas escolas técnicas devido ao progresso e complexidade das tarefas nas indústrias e manutenção dos maquinários.

Enquanto formas tradicionais de sociedade foram diluídas, outras foram se organizando na tentativa de fundamentar essa nova sociedade que emergia, um eterno devir.



3.2 CONCEITO DE SOCIEDADE LÍQUIDA E BANAL NA ATUALIDADE

A banalidade é a característica de uma sociedade sem pensamento crítico, em que o indivíduo, independente da sua etnia, religião, condição social, financeiro e até mesmo sabedoria, não importa com o outro, é frio, uma negação à alteridade como indivíduo da mesma espécie.

O problema atual é a normalidade para com problemas sociais, assim como a normalidade de Adolf Eichmann em apenas obedecer, ambas situações, não importando com as consequências. O aumento das situações de riscos sociais, prova que não importa a classe ou divisões sociais, todos estão à mercê da negligência indiscriminada, das legislações falhas e da insensibilidade social.

As situações de risco, como violência e pobreza, gerada pela insensibilidade política e social, se torna natural devido à proximidade dos problemas e sensacionalismo da mídia. E é ainda cíclico. Mostrando que um novo holocausto está batendo em nossa porta, ideologicamente construído e ingenuamente acreditado, pouco diferente de Eichmann, que naturalizava suas ações em vista da obediência profissional.

Arendt diz que não há maldade especializada, mas superficial e factual:

“Há alguns anos, em relato sobre o julgamento de Eichmann em Jerusalém, mencionei a banalidade do mal. Não quis, com a expressão, referir-me a teoria ou doutrina de qualquer espécie, mas antes a algo bastante factual, o fenômeno dos atos maus, cometidos em proporções gigantescas – atos cuja raiz não iremos encontrar em uma especial maldade, patologia ou convicção ideológica do agente; sua personalidade destacava-se unicamente por uma extraordinária superficialidade”. (1999, p. 145)

Assim como nos dias atuais onde não há uma raiz maléfica, mas um tratamento banal e superficial, que desvaloriza o ser humano em todas as etapas da existência. Uma espécie de “maldade ideológica” e invisível.

A reflexão proposta de Arendt e Bauman, são fundamentais para encontrar razões dessa sociedade apática, que banaliza as situações de riscos e inúmeros problemas sociais, um

conformismo geral no olhar para a realidade, a não buscar mudanças no pensar e agir, de que o mal, seja qual for, é um mal social. Jamais radical. Não se pode aceitar situações contra o ser humano, simplesmente alegando nada poder fazer.

Hannah Arendt formula um novo conceito moral ético, em relação ao mau radical. Isso fica claro na carta em resposta às críticas do Teólogo Judeu Gershon Sholem:

“É, sim, a minha opinião agora que o mal nunca é radical, que é apenas extremo e que não tem nem profundidade nem sequer uma dimensão demoníaca. Ele pode cobrir e deteriorar o mundo inteiro precisamente porque se espalha como um fungo na superfície. (...) Essa é a sua “banalidade”. Apenas o bem tem profundidade e pode ser radical”. (Arendt apud Soukui, 1998, p. 101)

Assistir os acontecimentos sem motivação para transformações, é consentir e ser cúmplice das ações praticadas. É um mal silencioso, que corrói o interior da alma social, causando uma cegueira que alimenta esse mal e faz esse mal ser natural.

É natural o aluno ir à escola e não aprender? É um problema individual e social. Descredito do valor da educação de forma generalizada e introdução nas escolas de problemas sociais, individuais, coletivos e descompromisso político que intensificam as situações de riscos.

É natural o cidadão ir ao hospital e passar horas e horas, para ser atendido ou não?

É natural ver a violência acontecer e esconder dentro do conforto adquirido pelos próprios recursos?

É natural olhar pessoas vivendo nas ruas e simplesmente não se preocupar, pois sempre teve pessoas vivendo nas ruas?

É natural crianças e adolescentes viverem nas ruas, convivendo com o crime, usando entorpecentes e não se pode fazer nada, afinal são menores, amparados pelo ECA?

Onde estão os pais, a justiça, os religiosos, os políticos, as políticas sociais e todos que pregam a paz, a igualdade, fraternidade e direitos iguais?



Não se encontra mais um pensamento sólido para desconstrução dessa situação social. Tenta-se amenizar as situações, ou talvez, esconder a realidade por ações paliativas que não resolvem os problemas, mas ameniza parcialmente ou momentaneamente, favorecendo “alguns” dentro de um universo imenso.

Essa liquefação social, livre das estruturas antigas fundamentada em crenças e lealdades teriam novas idealizações.

Assim afirma Bauman:

“Os primeiros sólidos a derreter e os primeiros sagrados a profanar eram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atavam pés e mãos, impediam os movimentos e restringiam as iniciativas. Para poder construir seriamente uma nova ordem (verdadeiramente sólida!) era necessário primeiro livrar-se do entulho com que a velha ordem sobrecarregava os construtores. “Derreter os sólidos” significava, antes e acima de tudo, eliminar as obrigações “irrelevantes” que impediam a via do cálculo racional dos efeitos; (...) libertar a empresa de negócios dos grilhões dos deveres para com a família e o lar e da densa trama das obrigações éticas; (...) Por isso mesmo, essa forma de “derreter os sólidos” deixava toda a complexa rede de relações sociais no ar — nua, desprotegida, desarmada e exposta, impotente para resistir às regras de ação e aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios, quanto mais para competir efetivamente com eles. Esse desvio fatal deixou o campo aberto para a invasão e dominação da racionalidade instrumental; (...) Na Modernidade Líquida maioria das alavancas políticas ou morais capazes de mudar ou reformar a nova ordem foram quebradas ou feitas curtas ou fracas demais, ou de alguma outra forma inadequadas para a tarefa. Não que a ordem econômica, uma vez instalada, tivesse colonizado, reeducado e convertido a seus fins o restante da vida social; essa ordem veio a dominar a totalidade da vida humana porque o que quer que pudesse ter acontecido nessa vida tornou-se irrelevante e ineficaz no que diz respeito à implacável e contínua reprodução dessa ordem”. 2001, p. 10)

Outra banalização nessa modernidade líquida é a situação política atual.

Quando uma sociedade ainda não entendeu que as situações particulares dependem da universalidade política e da prática dos governantes políticos, os problemas sociais tendem sempre ao crescimento, pois geralmente o descompromisso dos cidadãos gera também um descompromisso dos governantes. Quando não há uma sólida estrutura política de



comprometimento social, o que se pode ver são problemas até pré-estabelecidos como miséria social, mortes sem índices, fome, desemprego e injustiças, com uma enorme imobilidade social, sem referenciais e questionamentos.

Bauman menciona a família, a classe e o bairro como principais exemplos do novo fenômeno. A família, por exemplo:

“Pergunte-se o que é realmente uma família hoje em dia? O que significa? É claro que há crianças, meus filhos, nossos filhos. Mas, mesmo a paternidade e a maternidade, o núcleo da vida familiar, estão começando a se desintegrar no divórcio ... Avós e avôs são incluídos e excluídos sem meios de participar nas decisões de seus filhos e filhas. Do ponto de vista de seus netos, o significado das avós e dos avôs tem que ser determinado por decisões e escolhas individuais. (...) Primeiro, eles afetaram as instituições existentes, as molduras que circunscreviam o domínio das ações-escolhas possíveis, como os estamentos hereditários com sua alocação por atribuição, sem chance de apelação. Configurações, constelações, padrões de dependência e interação, tudo isso foi posto a derreter no cadinho, para ser depois novamente moldado e refeito; essa foi a fase de quebrar a forma na história da modernidade”. (2001, p. 13)

A liquefação social é muito natural e naturalmente banal, ao aceitar ideias ou idealismos de grupos sociais ou políticos, sem nenhum compromisso social. O que se vê, são os desmandos políticos, onde governam por interesses próprios, visando apenas o crescimento pessoal, não se importando se é ilícito ou não, sem nenhuma cobrança daqueles que nestes governantes depositaram sua confiança pelo voto.

Esta liquefação é assim descrita por Bauman: *“Os poderes que liquefazem passaram do “sistema” para a “sociedade”, da “política” para as “políticas da vida” — ou desceram do nível “macro” para o nível “micro” do convívio social”. (2001, p. 14)*

É importante analisarmos também o papel das religiões na sociedade atual pois as religiões não influem mais as pessoas como em décadas passadas.

Os mesmos que se prepararam para exercerem papel de liderança, portanto, relevante dentro das religiões, são capazes de, ao mesmo tempo cometerem ações desastrosas na sociedade, e isto acontece com os fiéis, que como já declarei anteriormente, podem recriar duas pessoas no mesmo cidadão, aquele que participa das ações e celebrações na sua igreja e ao sair

do templo, são capazes dos mais desqualificáveis atos antissociais e atrocidades contra um ser da mesma espécie.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante encontrar uma forma de fazer chegar à sociedade uma reflexão séria do momento atual: Individualismo, existencialismo, políticas públicas, uso ilícito da mídia e da máquina governamental para enriquecimentos, consumismo insinuado pelo capitalismo em prol da elite.

Não há olhares e motivações que possa vislumbrar novas perspectivas de mudanças, novos trajetos, ou seja, o sair da frieza social para um olhar atento à realidade que faça dos seres humanos comprometidos com a espécie.

Talvez, esse olhar pessimista se possa imaginar um problema maior que o real. Quando há algum caso comovente, principalmente quando se trata de crianças, fazem-se manifestações que são esquecidas facilmente. Aos culpados são aplicadas as leis conforme a legislação e condição social. Assenta-se a poeira, e não se faz mais nada até que outro caso comovente venha ocorrer.

Esse olhar social frio, demonstra a banalidade com o mal praticado e a liquidez que é a falta de leis rígidas e de pessoas que queiram resolver os problemas que se apresentam socialmente.

Para finalizar, vale o alerta de Arendt sobre a possibilidade bastante incômoda, mas inegável, de que crimes similares possam ser cometidos no futuro:

“Faz parte da própria natureza das coisas humanas que cada ato cometido e registrado pela história da humanidade fique com a humanidade como uma potencialidade, muito depois de sua efetividade ter se tornado do passado. Nenhum castigo jamais possuiu poder suficiente para impedir a perpetração de crimes. Ao contrário, a despeito do castigo, uma vez que um crime específico apareceu pela primeira vez, sua reparação é mais provável do que poderia ter sido a sua emergência inicial”. (1999, p. 295).

BIBLIOGRAFIA

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: [Companhia das Letras](#), 1999.

ARENDDT, Hannah. *Sobre a revolução*. São Paulo. Companhia das letras, 2011.

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. 1ª edição, companhia das letras, 2009.

SOUKUI, Nádia. *Hannah Arendt e a banalidade do mal*. [UFMG](#), 1998.

OLIVEIRA, Luciano. *10 lições sobre Hannah Arendt*. 3ª edição. Editora vozes.

ADEODATO, J.M. *O problema da legitimidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1989.

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo. Companhia das letras, 1990.

HABERMAS, J. *O conceito de poder de Hannah Arendt*. Sociologia. São Paulo: Ática, 1980.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2001.

http://www.infoescola.com/biografias/zygmunt-bauman/Ana_Lucia_Santana/ Acesso em 06/maio/2017.

http://colunastortas.com.br/2014/04/28/comunidade-e-identidade-em-tempos-pos-modernos/Vinicius_Siqueira/. Acesso em 01/maio/2017.

http://colunastortas.com.br/2013/07/22/modernidade-liquida-o-que-e/Vinicius_Siqueira/. Acesso em 01/maio/2017.

[http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/modernidade-liquida.htm/Lucas de Oliveira Rodrigues](http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/modernidade-liquida.htm/Lucas_de_Oliveira_Rodrigues). Acesso em 01/maio/2017.

https://educacao.uol.com.br/biografias/hannah-arendt.htm/Sem_autoria. Acesso em 06/maio/2017

http://www.laparola.com.br/a-era-da-liquidez-tempos-liquidos/Eduardo_Ruano. Acesso em 01/maio/2017.

[http://escoladeredes.net/group/bibliotecahannaharendt/Augusto de Franco](http://escoladeredes.net/group/bibliotecahannaharendt/Augusto_de_Franco). Acesso em 01/maio/2017.



https://www.ebiografia.com/hannah_arendt/Dilva_Frazão/ em 06/05/17. Acesso em 06/maio/2017

https://www.ebiografia.com/zygmunt_bauman/Dilva_Frazão/ em 06/05/17. Acesso em 06/maio/2017